

## MARCAS DE USO TEMPORAIS EM UM DICIONÁRIO DIALETOLÓGICO

## TENSE EMPLOYMENT FEATURES IN A DIALECTOLOGIC DICTIONARY

Carolina do Socorro Antunes Santos

Universidade Federal de Minas Gerais

antunes\_carolina@yahoo.com.br

### RESUMO:

Visando colaborar com os estudos sociolinguísticos e dialetais em Minas Gerais, este trabalho busca apontar um aspecto relevante da/na investigação linguística contemporânea: o estudo das marcas de uso, mais precisamente, das marcas de uso temporais. Assim, com base na literatura linguística e na frequência dessas marcas no *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais*, elas foram definidas e classificadas, considerando sua existência num *continuum* temporal concretizado, de um lado, pelas retenções linguísticas e, de outro, pelos neologismos.

### PALAVRAS-CHAVE:

Variação linguística, Lexicologia, Marcas de uso temporais, *Continuum* temporal

### ABSTRACT:

Aiming to collaborate with sociolinguistic and dialectal studies in Minas Gerais, this paper tries to point out a relevant aspect of contemporary linguistic investigation: the study of usage marks, more precisely, marks of temporal usage. They were defined and classified taking into consideration linguistic literature and the frequency of these marks in the Dictionary of the Rural Dialect of the Jequitinhonha Valley in Minas Gerais. Their existence was considered in a temporal continuum made real, on the one hand, by linguistic retentions. and on the other, by neologisms.

### KEYWORDS:

Linguistic variation, Lexicology, Marks of temporal usage, Temporal *continuum*

Este texto integra uma investigação sobre marcas de uso direcionada para a escrita do *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha* (Antunes, 2013) no qual tais marcas foram consideradas como valiosa contribuição para o desenvolvimento dos estudos dialetais, sociolinguísticos e lexicográficos em Minas Gerais. Nessa obra, em que se tem em vista o necessário diálogo entre o local e o global, o oral e o escrito, o padrão e o não padrão, essas marcas são deveras relevantes para a descrição do léxico rural no Alto, no Médio e no Baixo Jequitinhonha, microrregiões do Vale do Jequitinhonha, região situada no nordeste de Minas Gerais. Quinze municípios que se situam nas margens direita e esquerda do Rio Jequitinhonha, conforme mostra a figura, foram selecionados para a coleta de dados: Serro, Diamantina, Couto de Magalhães de Minas, Itamarandiba, Capelinha e Turmalina, no Alto Jequitinhonha; Minas Novas, Chapada do Norte, Araçuaí e Itaobim, no Médio Jequitinhonha; Joáima, Jequitinhonha, Rubim, Pedra Azul e Salto da Divisa, no Baixo Jequitinhonha.



Sendo ciência histórica, a Linguística vê a língua como instituição que reflete a história social e cultural de um povo, de uma comunidade, uma vez que modela imagens de mundo nas quais as marcas de uso, como elementos colaboradores da efetivação da principal função da linguagem – a de ser instrumento de comunicação e interação social – exercem papel importante para o conhecimento desse mesmo mundo. O estudo dessas marcas, portanto, possibilitando que se distinga, de fato e cientificamente, a variação linguística, traz esclarecimentos sobre relações entre a linguagem e outros comportamentos

individuais e sociais. Nesse sentido, elas se configuram como estratégias que podem conduzir o leitor a uma visualização do espaço dinamizado em suas múltiplas configurações, ou seja, o espaço existencial, mítico, religioso, psíquico, pois que são instrumentos válidos para a descrição da variação linguística sob o ponto de vista não só da relação entre língua, cultura e sociedade, mas também da imbricação entre as marcas de uso espaciais, temporais, sociais e de tecnoleto, presentes nos *corpora* desse *Dicionário*.

Sapir, 1971, p. 18, ao conceituar linguagem, enfatiza seu caráter coletivo e sua dimensão social: “Falar é uma atividade humana que varia, sem limites previstos, à medida que passamos de um grupo social a outro, porque é uma herança puramente histórica do grupo...” E Oliveira, 1999, p. 81, acrescenta:

o sistema é constituído por uma reunião de vocábulos que reproduzem o patrimônio sociocultural de uma dada comunidade, passando, desse modo, a testemunhar a vida, a história e a cultura dessa comunidade, em suas diferentes épocas. Cabe aos membros de uma sociedade criar, recriar e perpetuar o vocabulário de uma língua, o que se dá através do processo de interação e de comunicação verificado entre os elementos que integram essa sociedade os quais, motivados por mudanças sociais e culturais, contribuem para o processo de expansão lexical.

Concorda-se, pois, com essa estudiosa quando, na mesma obra, *O Português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*, 1999, afirma que, a partir do momento em que é constituída de um sistema de sinais socialmente institucionalizados, a língua serve à cultura, não só porque se sustenta na natureza humana, mas também porque a ultrapassa. Assim sendo, pode-se definir marcas de uso como pistas ou traços observados no item lexical ou na sequência de itens lexicais que, assinalando seu espaço e tempo de ocorrência, denotam o envolvimento histórico e sociocultural do usuário sob e a partir do qual ocorre a (re)criação vocabular, portadora de aspectos linguístico-culturais que evidenciam e denunciam visões de mundo e valores da sociedade.

Observe-se o quadro: As marcas de uso conforme suas categorias:

Marcas de uso										
Temporais				Espaciais		Sociais				Tecnoletais
Retenções Linguísticas				Neo	Reg.	Af.	Ch.	Depr.	Euf.	Hiper.
Arc.	Arcaiz.	Obs.	Arc. Br.							

A primeira divisão nesse quadro apresentada – marcas de uso temporais, espaciais, sociais e tecnoletais – resulta de estudos iniciais e de uma primeira averiguação dos dados, apontando para o alcance do objetivo geral que preside a investigação dessas marcas: “Buscar uma maior consciência a respeito do potencial dos estudos lexicais, incentivando a produção do saber lexical em projetos concretos cujo interesse ultrapasse o ambiente universitário e oferecendo resultados concretizados em produtos de informação sobre aspectos da Língua Portuguesa.” As outras divisões, contemplando a nomenclatura classificatória das categorias, sinalizam as etapas de desenvolvimento da pesquisa sobre essas marcas buscando examinar os traços característicos de cada uma delas, de forma a selecionar as que mais caracterizam a variante linguística em análise e melhor compreender o *continuum* temporal nas marcas de uso temporais.

Paralela e/ou subjacentemente a isso, visando a uma sistematização, a uma definição mais rigorosa e à intenção de fazer um refinamento de análise dessas marcas no *Dicionário* em pauta, prioriza-se, neste texto, o estudo das marcas temporais com base nos seguintes critérios: consulta à literatura linguística, datação dos vocábulos ao longo da história da língua e sua frequência nos *corpora*. Esclareça-se que, em relação a todas as marcas, as ocorrências, tanto de unidades simples quanto de complexas, são pouco numerosas. *Grosso modo*, a frequência foi apreendida da exemplificação contextual: o registro de um exemplo é indício de menor frequência e o de dois exemplos, de maior frequência. A partir, então, dos critérios mencionados, as marcas de uso temporais foram nomeadas, classificadas e definidas em duas categorias: 1. Retenções linguísticas: arcaísmos, itens em vias de arcaização, itens obsoletos e arcaísmos em relação ao português do Brasil; 2. Neologismos.

Analisadas as marcas temporais propostas, pôde-se perceber que, se por um lado, o dialeto rural apresenta um aspecto conservador, por outro, apresenta um aspecto inovador. As retenções linguísticas constituem o primeiro aspecto e os neologismos, o segundo. Uma causa dentre outras concorre para explicar essa aparente contradição. Essa causa é extralinguística e está diretamente atrelada a um cenário a que subjaz a compreensão do espaço como um lugar de relações, dinamizado em suas diversas configurações, ou seja, o espaço existencial, mítico, psíquico, religioso, social. Nesse espaço, o sistema linguístico, como todo sistema semiótico, atua e se realiza através de uma tensão dialética, cujas forças, a da conservação e a da mudança, apesar de contrárias, não se excluem. Se a força da conservação assegura a continuidade histórica da língua e a reciprocidade de compreensão entre sujeitos falantes e ouvintes, entre escritores e leitores, a força da mudança leva a língua a atender a novas necessidades de comunicação e renovação lexical, evidenciando seu dinamismo,

em decorrência do qual quem fala ou escreve, quem ouve ou lê exercem uma possibilidade que lhes é inerente: a de formar novas palavras e expressões por exigência do meio social em constante transformação. Desse processo resultam os neologismos, criados da necessidade humana de, segundo Barbosa, *apud* Oliveira; Isquierdo, 2001, p. 34,

apreender o ‘real’, de analisar, recortar, classificar e organizar o potencial de informações dos dados da experiência *contínua* – com que se defronta para elaborar (...) reelaborar e sustentar seus sistemas de valores, sua visão de mundo, um mundo linguisticamente e semanticamente construído.

Nessa direção, para o entendimento e alcance da meta final proposta, importa, dizer que mudanças que não as do quadro natural ocorreram e ocorrem no Jequitinhonha e justificam comportamentos sociais, entre eles, o linguístico, demonstrando que a linguagem das relações espaciais, base organizadora das imagens de mundo, são de suma relevância para que sejam entendidas manifestações do real. Por isso, buscam-se outras configurações explícitas no espaço geográfico, perscrutando fatores econômicos, históricos e sociais que interagem, intermediando e/ou fundamentando tanto a compreensão das retenções linguísticas quanto dos neologismos. Tendo em vista tais considerações, pode-se afirmar que essa região tem um aspecto linguístico bastante conservador, confirmado pela presença de marcas temporais chamadas retenções linguísticas, definidas e/ou caracterizadas e exemplificadas a seguir. No sentido dessa e de qualquer outra exemplificação presente neste texto, veja-se o Anexo único.

## As retenções linguísticas

**Arcaísmos (Arc.)** são formas ou construções frasais vigentes no período histórico da Língua Portuguesa que se situa nos séculos XIII, XIV e XV, as quais, embora tenham perdido espaço ao longo do tempo e saído do uso corrente e da língua padrão, ficaram restritas à fala popular e ao meio rural, portanto, têm baixa frequência, ou seja, uma ou duas ocorrências, havendo predomínio de uma ocorrência.

Fundamentada na literatura linguística, encarando os fatos numa perspectiva sincrônica e considerando relevante a explicação histórica, essa definição e/ou caracterização se aplica à exemplificação coletada no Vale do Jequitinhonha. Assim sendo, cite-se Leão, 1961, p. 13:

Não é novidade que as línguas transplantadas e os falares regionais são depósitos onde se conservam inúmeros arcaísmos (...) No terreno do léxico – escolha de termos, seu conteúdo semântico – O conservantismo de certas áreas brasileiras tem despertado, também, a atenção dos observadores. Consulte-se um glossário de obra medieval ou apenas qualquer gramática histórica, uma lista de termos hoje esquecidos em Portugal: não serão poucos os que andam na boca do povo, cá no Brasil, principalmente em regiões mais isoladas no interior.

Ratificando essas palavras quanto a esses espaços e tempos, pode-se afirmar que os *arcaísmos* encontrados nos *corpora* do *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha*, encontram-se documentados em obras como as citadas por essa autora. E em sua dissertação de Mestrado *Caminho do boi, caminho do homem – O léxico de Águas Vermelhas – norte de Minas*, Souza, 2008, p. 185-189, relacionando casos de mudança linguística com o mundo rural, confirma que

o modo de vida, bem como as realidades que fazem parte do entorno das pessoas que moram no campo estão menos sujeitas às constantes modificações verificadas nos meios urbanos, favorecendo a manutenção de um léxico pouco sujeito às mudanças verificadas na língua. Essa manutenção linguística verificada na fala do meio rural, em descompasso com as constantes mudanças verificadas na língua como um todo, contribui para os casos de variação linguística e, também, para os arcaísmos.

Importa dizer que artigos lexicográficos contidos nesse *Dicionário* mostram que os arcaísmos, como afirma Leão, 1961, p. 13: “andam na boca do povo, cá no Brasil, principalmente em regiões mais isoladas no interior”, apontando para o fato de que estão mais presentes na zona rural, apresentam baixa frequência, conforme já se assinalou. Destacando, ainda, que sua distribuição se dá, principalmente, por idade e escolaridade, citem-se os verbetes:

**artero** (arteiro, s. XIII; de *arte* ‘engano, malícia’, s. XIII; do lat. *ars -artis* – AGCUNHA; *art. eiro*) • Arc. • Adj. bif. [qualificador de n. humano] • Reg. SP • Diz-se da pessoa, geralmente criança, que é irrequieta e faz traquinagem. • *Os minino de seu Izidro era tudo artero. Dimais! As professora tinha de pô eles de castigo quase todo dia.* • (EO2)

**fremoso** (fremoso, s. XIII, forma com metátese de *fermoso*, s. XIV; formoso ‘de bela aparência, bonito’, s. XIV; do lat. *formosus -a -um* – AGCUNHA) •

Arc. • Adj. bif. [qualificador de n. humano] • Apr. • Hiper. • Reg. PE • Diz-se da pessoa que é considerada mais que bonita, ou possuidora de grande beleza. • *A Mariinha do Julião sempre foi uma muié muito fremosa, apesá de tê uma vida dura na roça. Uma vez ela ganhô um concurso da moça mais bunita da cidade.* • (EO2)

Os itens lexicais supracitados estão documentados nas *Cantigas de Santa Maria*, de Dom Afonso X, o sábio, obra da literatura galego-portuguesa do século XIII. O primeiro item, *artero*, ‘aquele que faz arte’, preserva da unidade *arte*, com o significado de *travessura*, a base *art*. seguida do sufixo *eiro*, cujo ditongo se apresenta sempre reduzido de /ei/ para [e]. Nesse dialeto, *artero* é mais falado por pessoas da faixa etária de maduros e velhos e é mais conhecido do que *fremoso*, que se realiza, também, como *fermoso*, sendo ambos itens discriminados por pessoas com alguma escolaridade.

## Vocábulos em vias de arcaização

Em vias de arcaização encontram-se vocábulos vigentes no período arcaico da Língua Portuguesa, ou seja, do século XIII ao século XV, os quais, embora conhecidos de falantes urbanos que neles sentem um certo “sabor arcaico”, decorrente do estranhamento que seu uso pode provocar, não são, hoje, usados na Língua Portuguesa padrão ou são, minimamente, nela empregados; logo, apresentam baixa frequência, ou seja, de uma a três, havendo predomínio de duas ocorrências. Incluem-se, nesse caso, lexias complexas, cujo núcleo data desse período. Exemplifique-se com as unidades descritas a seguir: *aculá*, *adonde*.

**aculá** (acolá, s. XV; do lat. *eccum illac* ‘eis ali’ – JPMACHADO) • Arcaiz. • Adv. [lugar] • O lugar que está longe tanto da pessoa que fala quanto da que ouve. • “Ó, ô, seu vigaro, a matriz é aculá, num é aqui, não! Aqui é a minha casa. A matriz é do lado de lá da rua.” • (MSL) // *Aí ele foi lá, fundô pro mei’ do mato. Ói, ói, oi, um pau ali, oto açulá.* • (MG)

**adonde**<sup>1</sup> (aonde, s. XV; de *a* (=ad). *donde* – JPMACHADO) • Arcaiz., • Adv. [interrogativo] • Reg. BA, NE, RS, SP, TO • O mesmo que *a que lugar*; *aonde*. • *A mãe cansô de perguntá: “Adonde ocê vai?” E a muleca nada de dá assunto. Num respondeu nada.* • (EO2)

**adonde**<sup>2</sup> (aonde, s. XV; de *a* (=ad). *donde* – JPMACHADO) • Arcaiz., • Pron. [relativo] • Reg. BA, NE, RS, SP, TO • O mesmo que *em que*; *onde*. • *Ela incostô na cadera, no lugá adonde a mãe mandô ela ficá.* • (EO2)

A unidade *aculá*, raramente empregada, é substituída por *lá* ou pela expressão *lá longe*; *adonde*, tanto como advérbio quanto como pronome, é interpretada

como “erro” na sociedade e na escola, e nesta e naquela é substituída por *onde*.

## Obsoletos

No sentido de uma melhor caracterização dos obsoletos convém lembrar que esses itens lexicais têm, na literatura linguística, um tratamento delicado visto que se localizam numa zona limítrofe com os arcaísmos e com os itens em vias de arcaização.

Obsoletos são itens lexicais de duas categorias: *dicionarizados*, que são datados a partir do século XVI e sentidos como antigos ou quase ultrapassados; e *não dicionarizados*. Os primeiros, embora datados no período moderno da história da Língua Portuguesa, apresentam, da mesma forma que os segundos, baixa frequência, ou seja, de uma a três ocorrências, havendo predomínio de duas, em decorrência da mudança de hábitos, costumes, comportamentos sociais e fenômenos culturais.

**Obsoletos dicionarizados:** Considere-se a descrição das unidades lexicais que exemplificam a primeira categoria dos itens obsoletos – obsoletos dicionarizados – mais numerosos na obra em questão.

**antonte** (forma com síncope e apócope de *anteontem*, s. XVI – JPMACHADO; de *ante. ontem*) • Obs. • Reg. BA, SP, TO • Adv. [tempo] • *Eu tem de lavá essas roupa? Antonte mesmo eu lavei elas no Tomás Correia.* • (EO2)

**arcovitá** (forma com rotacismo de *alcouvetar*, s. XV ou *alcovitar*, s. XVI; de *alcoveta*, ‘mulher, ou homem, que serve de intermediário em relações amorosas’, do ár. *al-qauued* – AGCUNHA; *alcovit. ar*) • Obs. • V. [ação / compl. pron.] • Depr. • Reg. AM • Agir com curiosidade, fazendo prevalecer a intenção de mexericar; ocupar-se, de forma maldosa, da vida alheia. • *Hoje tá, por exemplo, se ocê viesse aqui cum boa vontade, cum prazer, tem um alguém arcovitano ocê, o que vai fazê.* • (HC)

Observe-se que as descrições apresentadas são encabeçadas por lexias que têm, na LPP, uma forma correspondente dicionarizada e datada. O advérbio *antonte*, sentido como rural e “errado” para a sociedade é, em geral, inaceitável e substituído por sua correspondente na LPP, *anteontem*, assim como outras lexias faladas, resultantes de processos morfofonêmicos rejeitados. Nesse caso, cite-se *arcovitá*, que, além ser um verbo de ação que parece não mais se aplicar à sociedade atual e é por ela depreciado, é uma forma com rotacismo no final da sílaba ‘al’, comportamento linguístico fortemente discriminado pela escola e pela sociedade

**Obsoletos não dicionarizados:** Considerem-se os verbetes que exemplificam a segunda categoria dos obsoletos, a dos obsoletos não dicionarizados, que, no *Dicionário* em questão, se manifestam através de três tipos de estrutura.

1º tipo

**balango** Var. balangue (deriv. de *balangar*) • Obs. • N. masc. • Reg. SC • Assento suspenso por duas cordas laterais e presas em árvore para crianças brincarem se balançando ou sendo balançadas; balanço. • *Tinha um balango no quintal, pindurado na pinhera pra gente balangá.* (EO2) // *Uma hora, pus a Zelinha no balangue e empurrei ela com toda força. Levei o maior susto quando o balangue voltou sozinho.* (A1)

**cinzá** (de *cinza* ‘resíduos da combustão de certas substâncias’, s. XX; do lat. \**cinisia* –AGCUNHA; *cinz. ar*) • Obs. • V. [ação-processo / compl. n. humano] • Agir com dissimulação; enganar. • *Ela era uma minina atrivida. Empurrava o sirviço com a barriga e não molhava as planta. Cinzava todo mundo.* • (EO2)

Observe-se que as unidades orais *balango*, *cinzá* não têm registradas formas escritas, exatamente porque não são dicionarizadas, o que não ocorre com aquelas das quais derivam, dicionarizadas, às vezes datadas, em cujas bases são acrescentados sufixos e elementos de ligação: *balang. ar*, *cinz. á* (por *ar*), que entram na formação dessa categoria de obsoletos.

2º tipo

**dicocá** Obs. • V. [ação / compl. de lugar: adv. + adv.] • Assentar-se em cima dos calcanhares; agachar-se. • *Pegô a camisola da muié, vistiu e dicocô lá fora tamém, igualzin a muié.* • (MSL) // *Ao redor dele, as pessoas se decocavam para trocar prosas e umedecer a conversa.* • (JF)

**petetê** Obs. • N. masc. • Mistura de alimentos que, por serem excessivamente cozidos, não se distinguem e adquirem uma aparência desagradável. • *O cuzido virô um petetê, mas tá muito gostoso.* • (EO2)

Encabeçam esses verbetes lexias simples, cuja estrutura não denuncia um vocábulo primitivo do qual se originariam, não possibilitando, assim, analisar, claramente, seus elementos formadores. A exemplificação contextual, entretanto, permite identificar em que classe gramatical se inserem e alguns de seus traços morfo-sintático-semânticos: *dicocá*, verbo de ação, seguido de complemento de lugar. Esse verbo forma um campo lexical com o adjetivo *dicocado*, como se pode constatar da sua definição e exemplificação no *Dicionário*: “Diz-se da pessoa que se encontra assentada sobre os calcanhares; de cócoras.” • *Aí, a muié do rei saiu fora, saiu fora. Acho que pa fazê xixi. Tá dicocada lá fora, né?* • (MSL).

## 3º tipo

**bocó de mola** Obs. • N. com. de 2 [humano / n. + loc. adj. {prep. + n.}] • Depr. • Hiper. • Reg. RS, SP • 1. Pessoa tola, apalermada. • *“Vai caçá o que fazê , minino, dexa de lerdeza. Fica aí atrapaiado que nem um bocó de mola!”* • (EO2) → Adj. [qualificador de n. humano / n. + loc. adj. {prep. + n.}] • Depr. • Hiper. • Reg. RS • 2. Diz-se da pessoa que se submete, exageradamente, a situações de desmando, constrangimento, sem esboçar reação. • *Ela pinta e borda num é de hoje, e ele nem tium. Pode sabê qu’ ele é mais que bocó de mola!* • (EO2)

**maria morta** Obs. • N. fem. [animado / n. + adj.] • Jogo em que crianças, assentadas no chão e manuseando cinco pedras, retiram-nas, gradativamente, do chão e elevam-nas sem deixá-las cair numa demonstração de habilidade. • *Perguntou do que a gente estava brincando e falou que, na terra dela, maria morta é um pouco diferente e chama cinco marias, pois o jogo é jogado só com cinco pedras ou com saquinho de pano cheio de arroz ou areia.* • (A1) // *Na saletinha distante, onde jogávamos maria morta em raros momento de distração, ficavam as remotas flores, saudosas flores antigas: onze horas, brilhantina, coração magoado.* • (JF)

As duas unidades lexicais, constituídas de mais de um vocábulo, exemplificam o terceiro tipo de estrutura da segunda divisão de obsoletos. Constituem um todo semântico, mas, nesse caso, seus elementos formadores podem ser identificados, já que têm vida independente, isoladamente ou em outras estruturas da língua. Cite-se *bocó*, coletado nos *corpora* analisado como nome e como adjetivo, respectivamente: 1. “Pessoa abestalhada; tola.” • *Essa bocó num apruma! Todo mundo passa ela pra trás!* • (DV); 2. “Diz-se da pessoa que apresenta comportamento simplório, tolo.” • *Num sei como ela, moça istudada e bunita, tem corage de namorá um rapaz tão bocó.* • (DV)

A unidade *bocó de mola* faz parte do uso de algumas regiões brasileiras, como mostra a descrição apresentada, o que leva a crer que ela é mais usada. Isso não ocorre com a unidade *maria morta*, o que pode ser um indício de que tal unidade seja própria à região do Jequitinhonha. Acrescente-se que o jogo *maria morta*, que embalou a infância até pouco mais da metade do século XX, só é praticado em situações específicas, a exemplo de escolas da região, que procuram resgatar saberes orais.

## Arcaísmos em relação ao português do Brasil

Manifesta-se tênue o limite entre itens em vias de arcaização, obsoletos e arcaísmos em relação ao português do Brasil, visto que a datação destes abarca,

também, a dos primeiros e parte da dos segundos. Entretanto, se os obsoletos são caracterizados como unidades que marcam um enfraquecimento e/ou um provável desaparecimento de um referente no uso geral – mudança de hábitos, costumes, comportamentos sociais e fenômenos culturais – torna-se possível diferenciá-los dos arcaísmos em relação ao português do Brasil, considerando para estes o contexto espacial e temporal da influência de fatores da modernidade tais como os avanços maciços e tecnológicos do mundo moderno e, dentre eles, a influência da escola.

Tendo em vista tais considerações, apresenta-se a definição e/ou caracterização desses itens lexicais: Arcaísmos em relação ao português do Brasil, datados em qualquer período histórico da língua, referem-se a objetos e comportamentos sociais e linguísticos que, no país – fazendo uso da estratégia de generalização – foram ou estão sendo substituídos devido à mudança de hábitos e costumes advindos dos avanços tecnológicos e maciços do mundo moderno e da influência da escola. Exemplificam essa retenção linguística os verbetes: **amigado** (amigado; part. de *amigar*, XVII – AGCUNHA; *amig. ado*) • Obs., Arc. Br. • Adj. bif. [classificador de n. humano / ± compl.: prep. + n. humano] • Depr. • Reg. AM, BA, NE, SC, SP, TO • Diz-se da pessoa amasiada ou que se junta a um homem ou a uma mulher sem atender à lei. • *Num tem pai... é pai natural, né? A mãe é amigada, pega fio pa lá, né?* • (CP) // *Izidoro era casado com Isaurinha, mas era amigado com a Dulce.* • (EO2)

**inté<sup>1</sup>** (até ‘indica limite a que se chega no espaço, no tempo, na ação, na quantidade ou intensidade’, s. XIII do ár. *hatta* – AGCUNHA) • Adv. [inclusão] • Reg. PE, RS, TO. • O mesmo que *também*. • *Mas dizem que ele morreu sem saber quem fez a tal arapuca. Inté eu que contei isso num sei quem foi.* • (SQTS) // *E o que que eu faço? Ieu inté cunheço uma toca de pedra muito boa. Afinal, eu podia levá e pô na toca de pedra... que tem um loquero!* • (CNN)

**inté<sup>2</sup>** (até ‘indica limite a que se chega no espaço, no tempo, na ação, na quantidade ou na intensidade’, s. XIII; do ár. *hatta* – AGCUNHA) • Arc. Br. • Prep. [tempo] • Reg. PE • Indica limite temporal. • “*O Antoino deve morá lá inté hoje. Eu já tenho vinte ano que moro aqui.*” • (EO1)

O adjetivo *amigado*, ainda que se considere marcante o conservadorismo da sociedade da região, não faz mais tanto sentido nessa mesma sociedade em que a estrutura familiar patriarcal convive com a conjugal, na qual a mulher ganhou mais espaço e mobilidade. Além das tradicionais responsabilidades, ela assume comportamentos impensáveis na primeira metade do século XX, mais precisamente, comportamentos relativos à liberação sexual, à parceria financeira com o homem, antes único provedor da família, à procura de cursos superiores,

ao trabalho fora de casa. Nos dias de hoje, a lexia *amigado* soa, sem dúvida, fora de moda. A variante falada *inté*, seja como advérbio, seja como preposição, discriminada socialmente e inaceitável na escola, é predominantemente rural e corresponde à variante escrita *até* na LPP. A não aceitação de variantes faladas rurais ocorre, também, com outras unidades gramaticais rejeitadas em geral e, principalmente, pela escola a exemplo de *que mal lhe pergunte, por mode (de) que: Cê mora aonde, que mal le pergunte?* • (VD) *Eu que sou veio nunca vi nada acontecer / Por mode de que cê há de vê?* • (VA) // *Tiãozin tem recurso. Por mode que não vem? Tem dez ano que não vejo ele.* • (EO1).

## Neologismos

Os neologismos se apresentam, inicialmente, como unidades de diversos tipos de discurso, tornando-se unidades do sistema linguístico se revelam caráter permanente e estável. Depois de criadas em um ato de fala, as novas unidades passam a ser aceitas pelos interlocutores e, a partir de então, reutilizadas em outros atos de comunicação, sendo que sua frequência de uso faz com que, gradativamente, a impressão de novidade lexical vá se perdendo. Essas unidades podem passar, então, a integrar o conjunto das unidades lexicais memorizadas e de distribuição regular entre os usuários e sua entrada no sistema é formalmente marcada se essas unidades são registradas em dicionários de língua, o que caracteriza também a sua desneologização.

No *Dicionário de dialeto rural no Vale do Jequitinhonha*, não se ateuve a tal distribuição regular nem se tratou do processo de desneologização. Mencione-se que o critério de não dicionarização para o reconhecimento dos neologismos nem sempre se aplicou devido a presença de unidades lexicais não constantes nos dicionários selecionados, as quais não foram consideradas neológicas em virtude de que seu uso não mais apresenta a ideia de novidade própria do neologismo.

Reitera-se que o léxico de uma língua ou de uma variante linguística recorre, basicamente, a dois critérios para incorporar unidades novas. O primeiro, formal, define-se como a construção de palavras através de regras do próprio sistema linguístico, com a utilização de procedimentos formais internos no nível morfológico, sintático e fonológico, ou melhor, pela criatividade lexical desse sistema através de derivação, composição, abreviação, dentre outros. O segundo, semântico, como a expansão de sentido, quando da reutilização de unidades lexicais já existentes com novos significados. Assim sendo, apresenta-se a definição e/ou caracterização e a exemplificação de *neologismos*: Neologismos

são formações resultantes da capacidade de o falante da zona rural do Vale do Jequitinhonha interagir com o outro produzindo e/ou usando estruturas, formais ou semânticas, consideradas novas por não se encontrarem atestadas nos principais dicionários brasileiros, a exemplo de: Aulete, 1987, e, em suas últimas edições: Aurélio, 2009, Houaiss, 2009 e, ainda, no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP),.

**Neologismos formais:** Os neologismos formais são criados com base no conhecimento interiorizado que o falante tem de sua língua materna. Porque está exposto a ela, apreende e retém palavras, morfemas, estruturas silábicas, organização que lhe são próprios e aplica-os, naturalmente, na criação e/ou estruturação de neologismos. Observem-se os três conjuntos de artigos léxicos em que figuram neologismos formais, transcritos do *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha*.

1º conjunto

**assuntoso** (de *assunto*, s. XVII; deriv. de *assuntar* ‘assumir, prestar atenção, sondar’, s. XX – AGCUNHA; *assunt. oso*) • Neo • Adj. bif. [qualificador de n. abstrato] • Hiper. • Que aparece muito e, por isso, chama a atenção. • *Ficava olhando, disfarçano às vez... Depois, ele passava um olhar assim mais assuntoso, mais coiso, qu’ ele já tava, ó, de olho na moça!* • (CSD)

**chanhá** (de *chanha*; *chanh. ar*) • Neo • V. [ação / compl. n. animado] • Apr. • Tratar um ao outro com muito carinho; afagar-se. • *Aqueles dois andam chanhando muito!* • (AL) // *O Pituca latia, latia avisando que gostava da Chica. Tinha dia que chanhava ela dimais da conta e dexava os oto cachorro com ciúme.* • (EO2)

Para criar neologismos como os citados na entrada desses verbetes, o falante partiu de unidades lexicais das quais ele já tem conhecimento – *assunto*, *chanha*, que fornecem a base para a criação das novas unidades. A essa base são somados morfemas com os quais ele já convive, portanto, dos quais, também, implicitamente, ele já tem conhecimento. Em *assunt.*, foi adicionado o sufixo *oso*, com ideia de abundância, formador de adjetivo a partir de substantivo; em *chanh.*, o sufixo *ar*, formador de verbos da primeira conjugação.

2º conjunto

**entrufado** Neo • Adj. bif. [qualificador de n. humano] • Depr. • Diz-se da pessoa que aparenta insatisfação, aborrecimento. • *Memé é muito trabalhadeira, mas a gente só vê ela entrufada.* • (DV)

**sureco** Neo • Adj. bif. [qualificador de n. animado] • Que não tem pelo, cabelo, ou o tem cortado rente à pele. • *E o rei tinha pelado o rabo da égua pa ela ficá sureca, né? E ela disgramô a corré.* • (DD)

Observe-se que, na estruturação dessas unidades, o falante utiliza sílabas canônicas *fa* e *do*, em *entrufado*; *su*, *re* e *co* em *sureco*, que coexistem com outras estruturas silábicas, não canônicas, mas que, também, são próprias de sua língua materna.

3º conjunto

**bate-cabo** Neo • N. fem. [animado / v. + n.] • Cobra venenosa, de cor amarelada, que tem um chocalho ou guizo na ponta da cauda; cascavel. • *Aqui tem saracucu, bate-cabo... que, quando bate o cabo, a gente ove longe. É por isso que tem o nome de bate cabo.* • (VD)

**bom sem base** (bom sem base) • Neo • Adj. [qualificador de n. / adj. + loc. adv. {intensidade / prep. + n.}] • Apr., Hiper. • Que apresenta um intenso grau de positividade; formidável. • *Pra eles, pra juventude tudo é bom sem base! Depois é que vai cair em si.* • (EO1) // *De uns tempo pra cá, na Festa do Divino tud' é bom sem base.* (EO2)

Para formar essas lexias, o falante retoma unidades livres das quais já tem conhecimento e as une por justaposição, a exemplo de *bate-cabo*, ou por subordinação, a exemplo de *bom sem base*, através do articulador *sem*, forma não livre, para estruturar os blocos morfo-sintático-semânticos, detalhados nas informações linguístico-gramaticais que as estruturam.

**Neologismos semânticos:** Os neologismos semânticos definem-se como a expansão de sentidos com novos significados quando da reutilização de unidades léxicais já existentes e dicionarizadas. Observem-se os verbetes em que figuram neologismos semânticos, transcritos do *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha*.

**antigório** (antigório; de *antigo*, *antig. orio*) • Neo • Adj. [qualificador de n.] • Hiper. Depr. • Que é muito antigo; antiquíssimo. • *Ela me mostrô um monte de vistido de festa, mas me imprestô o vistido mais antigório que tinha.* • (EO2)

**chanha** (chanha) • Neo • N. fem. [abstrato de estado / ± compl.: prep. + n. humano] • Reg. TO • Apr. • Comportamento carinhoso entre pessoas ou entre pessoas e animais. • *Minina, que chanha é essa? Que que cê tá quereno?* • (AL) // *Lá na casa todo mundo tinha chanha com o Amigo, menos a impregada que vivia chutano, mandano ele sai da cozinha.* (EO2)

As unidades lexicais acima arroladas, dicionarizadas, possuem outros significados, mas não os considerados neológicos que constam na descrição de cada uma delas na obra em questão. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, 2009, p. 146-147, assim define tais unidades: *antigório* "esmalte grosso, us. na fabricação de louça barata"; *chanha* "irritação na pele; comichão, prurido".

Concluindo este texto em que foram, brevemente, caracterizadas as marcas

de uso temporais, pode-se confirmar que, se por um lado as retenções linguísticas evidenciam o traço linguístico conservador do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha, por outro, os neologismos evidenciam o traço inovador, o ponto de chegada do contínuo temporal anteriormente anunciado. A tensão dialética através da qual se desenvolve esse contínuo na variante rural dessa região acaba por revelar a imbricação de fases ou momentos histórico-linguísticos experienciados no léxico ou por ele vivido, os quais, à primeira vista, podem parecer estanques.

A literatura linguística, entretanto, demonstra que períodos históricos, culturais, literários e, evidentemente, linguísticos, são tecidos e/ou construídos não só pelas diferenças que os separam, mas também por especificidades que os aproximam, o que se constatou da análise das marcas de uso temporais no *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha*. Assim sendo, nesse jogo de temporalidades, essa tensão dialética se manifesta nas manifestações de arcaísmos, de unidades lexicais em vias de arcaização, de itens obsoletos e de arcaísmos em relação ao português do Brasil.

## Referências Bibliográficas

- AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.
- ALFONSO X, el SABIO. *Cantigas de Santa Maria*. Edición, introducción y notas de Walter Mettmann. Madrid: Clásicos Castalia, v.I, 1986.
- ANTUNES, Carolina. Arcaísmos léxicos da região de Turmalina. *Revista de Estudos de Língua Portuguesa*. Belo Horizonte, FALE/UFMG, v.2. n. 1, 1983.
- ANTUNES, Carolina. *Aspectos do linguajar rural da região de Turmalina*. 1985. Dissertação (Mestrado em Linguística) – FALE/UFMG, Belo Horizonte, 1985.
- ANTUNES, Carolina. *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- ANTUNES, Carolina; VIANNA, Marlene Machado Zica. O dialeto rural não é mais aquele... In: SEABRA, Maria Cândida C. T. de (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p.13-27.
- AUGER, P. Pour une définition de marques d'usage. In: *Actes de colloque sur l'eménagement de la langue du Québec*, Conseil de la langue française, Mont Gabriel 7 et 8 décembre, 1989. Notes et documents, n.75.
- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Delta S.A, 1987.

- BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO Aparecida Negri (Orgs.). *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.
- BHABHA, Hommi K. *Disseminação: tempo, narrativa e as margens da nação moderna*. Trad. Maria Luiza Cyrino Valle. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1995.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. Introdução: As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO Aparecida Negri (Org.). *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p.13-22.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- CUNHA, Antonio Geraldo da Cunha. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.
- HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ILARY, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico – Brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto, 2012.
- LABOV, William. The study of language in its social context. In: *Sociolinguistic*. New York: Penguin Books, 1972.
- LEÃO, Ângela Vaz. *História de palavras*. Belo Horizonte, Impr.Univ. 1961.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa com a mais antiga documentação antiga e conhecida de muitos vocábulos e estudos*. 5ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.
- OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. *O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Araraquara, 1999.
- OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO Aparecida Negri (Orgs.). *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.
- REY DEBOVE, Josette; REY, Alain. Préface. In: *Le nouveau Petit Robert: dictionnaire de la langue française*. ROBERT, Paul. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1994, p. IX-XIX.

- SAPIR, Edouard. *A linguagem*. Introdução ao estudo da fala. 2ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971
- SOUZA, Vander Lúcio de Souza. *Caminho do boi, caminho do homem – O léxico de Águas Vermelhas – norte de Minas*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte, 2008.
- VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5.ed. São Paulo: Global, 2009

### **ANEXO: Tratamento lexicográfico**

1. Escrita dialetal, seguida ou não de variante ou variantes no próprio dialeto.
2. Escrita padrão das unidades lexicais dicionarizadas e daquelas cuja grafia esteja transcrita em língua falada.
3. Registro de dados diacrônicos, se encontrados:
  - 3.1. datação correspondente à primeira documentação da unidade lexical, mesmo que não haja correspondência com a aceção coletada no dialeto;
  - 3.2. dados etimológico-estruturais, registrados de forma simplificada, com atendimento ao momento sincrônico de sua evolução.
4. Marcas de uso temporais:
  - 4.1 retenções linguísticas: arcaísmo, em vias de arcaização, obsoleto, arcaísmo em relação ao português do Brasil;
  - 4.2 neologismo.
5. Dados linguístico-gramaticais (descrição linguístico-gramatical das unidades lexicais):
  - 5.1 registro da classe gramatical: nome (= substantivo), verbo, adjetivo, pronome, advérbio, conjunção, preposição, interjeição; locução; fraseologia;
  - 5.2. identificação da categoria de gênero no caso dos nomes: masculino, feminino, nome de dois gêneros, nome comum de dois gêneros e, no caso dos adjetivos, da forma: adjetivo biforme;
  - 5.3. subcategorização semântico-sintático-morfológica (ou detalhamento da unidade lexical)
    - 5.3.1. quanto ao nome concreto animado: humano; animado, não humano; animado; 5.3.2. quanto aos nomes abstratos: abstrato de ação, abstrato de processo, abstrato de estado;
    - 5.3.3. quanto aos adjetivos: classificador, qualificador;
    - 5.3.4. quanto aos verbos: de ação, de processo, de estado;
    - 5.3.5. identificação da função/do valor das unidades lexicais e de seus elementos estruturais: complemento nome; complemento oração; complemento

- pronome; complemento de causa, de lugar, de modo, de tempo etc, seguido da determinação da classe das palavras que estruturam a unidade: preposição + nome; adjetivo + adjetivo etc
6. Marcas de uso espaciais: regionalismo, sigla do estado ou da região do país onde a unidade lexical foi, também, registrada na escrita.
  7. Marcas de uso sociais: apreciativas; chulas; depreciativas; eufêmicas; hiperbólicas.
  8. Marcas de uso tecnoletais
  9. Definição analítica e/ou sinonímica
  10. Exemplificação contextual: exemplos coletados das falas que antecederam e sucederam a contação de histórias; exemplos ouvidos em conversas/entrevistas e anotados, mas não gravados.
  11. Sigla da fonte da qual foi extraída a exemplificação contextual entre parênteses: Iniciais do título das histórias ouvidas, gravadas e transcritas; do título das narrativas escritas; do título dos trabalhos não acadêmicos.

Recebido em 20 de março de 2015.

Aceito em 5 de maio de 2015.